

DOM CASMURRO: O DISCURSO DA CERTEZA E DA DÚVIDA

Angela Maria Rubel Fanini

Selma Suely Teixeira

RESUMO

O artigo "*Dom Casmurro: o discurso da certeza e da dúvida*" analisa o romance DOM CASMURRO, do escritor realista Machado de Assis, publicado em 1900. O romance em questão tem sido considerado, desde sua publicação, o mais ambíguo da literatura brasileira e muito se tem escrito sobre ele.

Seduzidas pela linguagem e cosmovisão machadiana, resolvemos mergulhar nesse universo a fim de deslindar-lhe os mistérios, principalmente aquele sobre o qual muitos se têm debruçado: *Capitu: inocente ou culpada?*

A análise da obra levou-nos a perceber que Machado trata tanto as situações nacionais (escola, igreja, economia oitocentistas brasileiras) quanto as universais (amor, traição, hipocrisia) a partir de uma concepção de mundo dada pelo prisma da ironia e do relativismo. Estes desautorizam a formalização de situações conclusivas, definidas e inquestionáveis. Assim sendo, a questão antiga e nova sobre a culpabilidade ou inocência de Capitu não se resolve facilmente, porque o discurso que se cria é relativo e não absoluto. A dúvida, portanto, permanece, intocada, insolúvel mesmo após várias releituras do texto. Este o grande sortilégio da obra machadiana: o enigma, a ambigüidade, a polissemia, gerados por um discurso que é, ao mesmo tempo, dúvida e certeza.

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem.

Com essas palavras, o escritor português Eça de Queiroz definia, em conferência proferida em 1871, no Cassino Lisbonense, um novo estilo literário - o Realismo que surgia na Europa na segunda metade do século XIX.

Influenciado por um conjunto de doutrinas científicas e filosóficas que englobava o positivismo de Augusto Comte, o evolucionismo de Darwin, o materialismo psicológico de Wundt e o determinismo de Taine, o Realismo procurou compreender e explicar a realidade através da observação e análise dos fatos.

Pretendendo mostrar essa nova visão de mundo, as prosas realista-naturalista (1) refletem a preocupação de seus autores com uma verdade não apenas verossímil, mas exata, capaz de reproduzir uma realidade materialmente verdadeira.

Tal postura daria aos escritores uma visão mecanicista do mundo, apegada ao pensamento naturalista e à idéia de que a ciência tudo podia explicar.

Incorporando as idéias divulgadas pelos homens da ciência, os ficcionistas passaram a desenvolver um gosto pelas tendências objetivas, em oposição ao subjetivismo dos escritores românticos.

Analisando a vida com objetividade e reconhecendo ser ela portadora de um equilíbrio e harmonia provenientes de uma visão organicista da realidade, o escritor realista pretende não interferir na caracterização dos tipos que cria ou recria, no sentido de que ele evita confundir seus próprios sentimentos com os de seus personagens. Frutos da observação de seres reais, esses personagens são tipos concretos, vivos. Sob esse aspecto, o herói realista, parte integralmente do organismo cósmico, é movido por ancestrais e/ou sociais, que determinam seu comportamento.

A partir de 1860, as idéias renovadoras do *Realismo e do Naturalismo* chegaram ao Brasil, propagando-se entre a intelectualidade nacional. Incorporando em seus textos a defesa de teses e opiniões propostas pelas novas tendências estéticas, os escritores nacionais passaram

a tematizar em suas obras as opções ideológicas do homem culto brasileiro; a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Surgem romances como *O Mulato* e *O Cortiço*, de autoria de Aluísio de Azevedo, escritor naturalista.

Considerada como marco da prosa naturalista no Brasil, a obra de Aluísio de Azevedo, juntamente com a de Inglês de Souza e Adolfo Caminha, refletem o temperamento objetivo e inclinado ao exame dos fatos herdado do naturalismo europeu.

Contemporânea a essa produção literária, começa a ser publicada a obra de Machado de Assis, apontada pela crítica como "o ponto de maior equilíbrio da prosa realista brasileira."

Nascido em 1839, no Rio de Janeiro, Machado de Assis viveu quase toda sua vida na cidade que, sede do Império, assistiria 60 anos depois à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República. Palco dos principais acontecimentos políticos e culturais do país, o Rio de Janeiro de Machado contrastava ares de metrópole com hábitos interioranos. Modernizada apenas no essencial para que a corte portuguesa não ficasse privada do conforto europeu, a cidade apresentava, em sua maior parte, ruas sombrias e sujas, onde proliferava a febre amarela. Nos salões, o imperador recebia seus súditos para o beija-mão, em meio a homens vestidos de fraque, colete e chapéu alto, traje diretamente inspirado na elegância sóbria da Inglaterra vitoriana. Encontrando-se no teatro, na ópera, e nas confeitarias elegantes em que se declamava Bilac ao som do piano, a alta sociedade brasileira discutia e opinava sobre as mudanças políticas e culturais que estavam ocorrendo no país.

Homem de seu tempo, Machado de Assis acompanhou e viveu os contrastes e inovações de sua época, retratando em sua obra o contexto nacional e a inquietação social do período.

Constituída de crônicas, textos críticos, contos, romances, poesias e teatro, a obra de Machado é dividida pela crítica em duas fases (2):

- 1) *Fase pseudo-romântica em que a idealização dos fatos, das personagens é substituída pela observação de costumes, abrindo uma frente de pesquisa*

1. Considerando que a mesma infra-estrutura racionalista, materialista e cientificista subjaz ao Realismo e ao Naturalismo, decidimos não analisar as diferenças existentes entre esses movimentos, mas sim, entendê-las como manifestações estéticas similares, contemporâneas e fundamentadas em um mesmo espírito filosófico.

da ideologia vigente. Machado percebe com clareza, nesse período, a distância entre o natural e o social, rastreando a organização ideológica da sociedade do Império. Já aparece aqui uma postura analítica, de fundo realista, pela denúncia da relação de favor que Machado faz, quando analisa as reações e o caráter das personagens entre si e o meio. A fixidez psicológica das personagens é rompida e o enredo do individualismo é deslocado para o grupo social e suas relações internas e externas.

2) Fase em que a experimentação formal é a base que sustenta o modo peculiar de captar a mobilidade e fluidez do social e dos pontos de vista das personagens. Nas obras dessa fase, o narrador transita entre os membros das classes dominantes com as armas da ironia e do humor, que desnudam o poder, enfatizando sua condição ilusória e passageira.

Recurso estilístico largamente utilizado por Machado, a ironia auxilia o autor a mostrar que a aparência da realidade é uma, e as intenções que a constroem são outras, bem diferentes.

Para Machado de Assis existe sempre nos indivíduos uma intenção suposta e um objetivo real. Da dualidade aparência / essência é que surgem os fatos. Essa relativização dos fatos se estende à verdade do texto, subordinada sempre a um ponto de vista e, portanto, sempre determinada pelos interesses em jogo.

Tendo como principais elementos de sua reflexão cotidiana a mesquinhez humana e a sorte precária do indivíduo, a obra Machadiana reflete uma concepção de vida amarga (...) como a de um pessimista de condição e de temperamento, mas retida na sua expansão por um meticuloso escrúpulo de direção e medida. (...). (3)

O romance **Dom Casmurro** de Machado de Assis, publicado em 1900, pertence à segunda fase da obra do escritor, inserindo-se na estética realista vigente naquele momento.

Machado de Assis foi acusado por alguns críticos de se afastar da realidade

nacional, tematizando um universo de cor local. Essa crítica se orienta por um nacionalismo estreito, vinculado ao Romantismo Nacionalista. Este, num dado momento político, logo após a Proclamação da Independência (1822) tomou para si a tarefa de engrandecer e exaltar a nação recém instaurada, formalizando através da literatura (Gonçalves Dias, José de Alencar) um conjunto de obras que enaltecem a pátria. Aí, faz-se a apologia do índio, da natureza, da fala e dos costumes locais. Machado de Assis, distanciando-se dessa linha apologética passa a ser considerado um escritor não engajado politicamente em prol da construção de um sentimento patriótico. Porém, percebemos que essa crítica é impropriedade, pois na obra machadiana, incluindo *Dom Casmurro*, além da tematização de questões universais que extrapolam os limites espaço-temporais (amor, hipocrisia, traição), há a presença de situações sócio-históricas do Brasil oitocentista. O escritor, valendo-se do humor cético e irônico, critica várias instituições sociais do Rio de Janeiro do século XIX. Nesse sentido, podemos contextualizá-lo dentro de uma infraestrutura mental realista que denuncia e satiriza os valores burgueses, afastando-se da cosmovisão romântico-nacionalista.

Em **Dom Casmurro** a vocação sacerdotal é colocada em xeque visto que a entrada para o universo clerical se revela como mais um caminho de ascensão sócio-política. Vale lembrar que naquele momento em que se passa a história do romance, a igreja católica exercia um poder significativo. O próprio José Dias lembra a família de Bentinho para esse fato: "Bem, uma vez que não perdeu a idéia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império!... (4)" O "status" social atingido com a posição de bispo ou protonotário apostólico é mais importante que a missão de evangelizar, desprovida de interesses materiais.

O universo da escola é também tematizado criticamente. O acesso ao saber não objetiva uma maior competência profissional, visando à construção de uma

2. Sobre esse assunto ver LAJOLO, Marisa e VASCONCELOS, Gilberto F. *Realismo no Brasil*, In: CURSO Abril Vestibular, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 1289s.; CORÇÃO, Gustavo, *Apresentação*, In: _____ (org.).

Machado de Assis: romance. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974. p. 5-19; e FACIOLI, Valentim. *Várias histórias para um homem célebre* (Biografia intelectual), In: BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**, São Paulo: Ática, 1982. p. 5-59.

3. VERÍSSIMO, José. *Machado de Assis*. In: _____ **Estudos de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: EdUSP, 1977. p. 104.

sociedade melhor para todos, mas tão-somente uma reafirmação do "status" social do indivíduo. Bentinho, munido do diploma de advogado, reflete a figura do bacharel que no Brasil oitocentista gozava de um amplo prestígio social. O valor do título supera o valor do profissional à medida que naquele momento a situação econômico-social do país ainda não absorvia os profissionais liberais.

Apresenta-se também no romance, o perfil econômico-social da sociedade carioca, revelando um país escravocrata, agrário, sem uma classe de trabalhadores e consumidores de bens, como existia na Europa industrial do século XIX. O indivíduo que não era escravo ou não possuísse bens materiais, não tinha função social, revelando-se como uma espécie de lumpem-proletariado. Essa situação pode ser exemplificada a partir da personagem José Dias que vive de favor, pagando-o com elogios e bajulação. O elemento feminino também aí se enquadra à medida que dentro de uma sociedade patriarcal só se mantém via casamento com indivíduo de posses, como é o caso da personagem Capitu.

A partir dessas situações locais formalizadas, o escritor tematiza as relações de poder, universais e permanentes. As personagens investem seu tempo, fala e ações para atingir ascensão sócio-econômico ou garantir e reafirmar um certo "status quo". Organizam seus destinos, fazem-se senhores de sua própria história, distanciando-se de uma postura despreocupada perante a existência. A visão de Machado sobre o homem difere radicalmente da concepção de Paulo Leminski quando este coloca que "distraídos venceremos". Para Machado vale "Armados venceremos".

Essa formalização das personagens possuidoras de livre arbítrio em Machado de Assis, afasta-o da visão determinista (biológico-social) que embasa a estética naturalista reinante na época em que Machado de Assis publicava e escrevia. A personagem Capitu, por exemplo, é dada pela ótica da volição porque age por vontade própria. Dentro dos moldes naturalistas as personagens são condicionadas pelo meio, momento e raça como é o caso dos romances naturalistas (Aluísio de Azevedo, Adolfo Caminha, Inglês de Souza, entre outros). Aí, o personagem desprovido de razão, deixa-se dominar pelos instintos naturais. Na luta

do ser social com o biológico, vence este último, porém em **Dom Casmurro**, percebemos em algumas passagens que o determinismo sócio-biológico interfere no comportamento das personagens.

Há uma pré-determinação social para o comportamento falso e hipócrita de Capitu (meio familiar) e biológica, visto que a personagem é demonstrada como imutável, apresentando os mesmos hábitos desde menina. Porém, vemos que essa visão de Capitu é dada por Bentinho em não por um narrador em terceira pessoa, isento, defendendo uma tese determinista. Bentinho, tentando comprovar a culpabilidade de Capitu, afirma-lhe a maldade intrínseca quando, no final do romance coloca: "*Hás de lembrar que uma estava dentro da outra, como o fruto dentro da casca.*" Assim, essa apresentação de Capitu é questionável porque dada a partir de seu companheiro, interessado em incriminá-la. Machado afasta-se dos autores naturalistas ao criar um narrador protagonista que dá uma versão dos fatos e não a versão absoluta sobre eles.

O relativismo da verdade prova em Dom Casmurro que as palavras inventam uma realidade possível. É pela ótica e fala de Bentinho que temos acesso aos fatos. A fábula que nos conta o narrador é simples: Bentinho, órfão de pai, criado pela mãe, D. Glória, é destinado à vida sacerdotal, mas apaixona-se pela vizinha, Capitu. Bentinho consegue escapar do sacerdócio, forma-se em advocacia e casa-se com Capitu. Passa a ter ciúmes da esposa. Nasce-lhe um filho, Ezequiel, bastante parecido fisicamente com Escobar, seu amigo de seminário e profissão. Escobar e Ezequiel morrem. Bentinho separa-se da esposa. Esta falece na Suíça.

O romance em síntese conta a história banal de um possível adultério. O mais importante não é a fábula, mas sim a trama, ou seja, como se constrói a narrativa, sobretudo como o discurso de Bentinho, querendo comprovar o adultério, gera dúvidas sobre a infidelidade de Capitu.

A personagem que narra o romance, distanciando temporalmente dos fatos, é triste, casmurro, e por este motivo, o tom do discurso é melancólico.

O humor não é festivo, alegre, e sim irônico, corrosivo, trágico.

Bentinho, advogado, atua como promotor de Escobar e Capitu, acusando-os de adultério. Ambos não se defendem

4. ASSIS, Machado de: Dom Casmurro, 20 ed. São Paulo: Ática, 1989, (p. 50). As citações referentes a esta obra feitas no decorrer do texto, serão acompanhadas das respectivas páginas.

porque a eles não é dado o direito de defesa (a palavra lhes é vedada). O narrador opera cortes nos fatos, destacando apenas situações que corroboram para incriminar o amigo e a companheira. Bentinho se vale das avaliações de outros personagens para construir uma idéia negativa de ambos. É José Dias quem atenta para os olhos de Capitu, mostrados como "*oblíquos e dissimulados*", e é Prima Justina que lhe nota o comportamento leviano e bajulador. Escobar, por sua vez, é mostrado como pragmático e interessado nos bens materiais de D. Glória. Mais uma vez é Prima Justina quem nota "*seus olhos de policial metediço*". Assim procedendo, Bentinho tenta se convencer e ao seu interlocutor de que o mau-caratismo de seus companheiros eram percebidos não só por ele, mas por outros. Aos olhos dissimulados de Capitu correspondem as mãos e os olhos fugidios de Escobar, índices de falsidade. Capitu demonstra paixão pelo poder, revelando profunda admiração pela pintura do imperador César na casa de Matacavalos, outro índice de prestígio e sucesso sociais. Bentinho captura a ambos (Capitu e Escobar) em situações comprometedoras como por exemplo, a ida de Escobar a sua casa quando de sua ausência e os olhos de ressaca de Capitu quando da morte do amigo. Revela a semelhança física entre o seu filho Ezequiel e Escobar. Porém, na história, o próprio narrador neutraliza essa última prova ao revelar a parença física de Capitu com a mãe de Sancha. Nesse sentido a semelhança passa a ser obra do acaso, não implicando relações de parentesco.

Apesar do esforço de Bentinho para se inocentar de qualquer culpa,

notamos atos cruéis e comprometedores em seu comportamento. Primeiro, deseja a morte da mãe, criatura a quem ama. ("*Mamãe defunta, acaba o seminário*"). Em outra ocasião mostra-se indiferente e desumano com seu vizinho Manduca. Revela, também, seu flerte e interesse por Sancha, esposa de seu melhor amigo. Posteriormente tenta envenenar seu filho Ezequiel e mostra-se frio por ocasião de sua morte no Egito. Outra faceta negativa de seu caráter é que provoca dúvidas sobre os fundamentos de seu ciúme por Capitu, revela-se quando afirma que sentia ciúmes de tudo e de todos, apresentando-se como um indivíduo problemático e paranóico. Isso se afirma quando aproxima a sua situação a de Otelo, citando Iago, trazendo para seu texto a tragédia **Othelo**, de Shakespeare, que gira em torno de ciúmes infundados.

Pelo analisado anteriormente, concluímos que Machado de Assis, em **Dom Casmurro**, trata de questões nacionais, abrangendo também temas universais. A obra machadiana ocupa um lugar à parte nas letras nacionais, recusando a estética romântica nacionalista, afastando-se dos romances de tese naturalista e evitando tratar o real através de um realismo de bitola estreita. Dá uma visão da existência na medida do humano, apresentando o mundo a partir da ironia e do relativismo, elementos fundamentais da cosmovisão machadiana que nos impedem de afirmar, em **Dom Casmurro**, a culpabilidade do elemento feminino (Capitu). Permanecemos nós, após várias leituras do romance, inaptos para incriminá-la ou absolvê-la, confirmando uma vez mais que **Dom Casmurro** é o discurso da dúvida e da certeza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982
- 2) GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 3) SCHWARCZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.